

## Prefácio

Este livro aborda, de forma notável, duas temáticas de grande importância. São, respectivamente, a etnografia da Serra de Estrela e os jogos tradicionais, assuntos que o autor conseguiu entretecer a partir da sua investigação em Videmonte e dos seus conhecimentos adquiridos durante o seu percurso académico. O resultado é um ensaio original e cativante.

No início era o jogo: foi isso, mais ou menos, o que Johan Huizinga afirmou no seu livro clássico *Homo Ludens*, publicado em 1939. Segundo este historiador neerlandês, brincar é um traço essencial do homem, inerente à civilização. É verdade que é a brincar que os mais jovens aprendem e se familiarizam com o seu ambiente cultural e natural. Também é a brincar que os adultos se podem relaxar e descontraír, mergulhar por um tempo num mundo diferente do seu dia-a-dia, de modo que, depois, tenham uma disposição melhor para de novo participar no mundo mais sério: aquele do trabalho e das preocupações.

Existem várias formas de jogos, desde as mais simples brincadeiras das crianças até aos jogos de desporto de alta competição - estes que de certeza não podem ser denominados de brincadeira. Os tipos de jogo praticados são sujeitos a mudança, ao longo das gerações. Os jogos de computador de hoje são sinal do tempo, mas também atestam o facto que jogos são parte fundamental da vida humana e continuam a sê-lo nesta época que se chama de pós-moderna ou de tecnológica.

Jogos acompanham o decorrer da história, mas também o ciclo do ano. Especialmente entre as crianças, cada estação e cada fase do ano litúrgico conhece a preferência por certas brincadeiras e jogos. Isso é o caso especialmente em zonas rurais do nosso país, e no passado mais do que nos tempos que correm. Os jogos também variam consoante a zona geográfica e o ambiente natural. As regiões e as aldeias têm as suas brincadeiras e jogos específicos, adaptados ao ambiente.

Quanto à Serra da Estrela, a sua natureza é imponente mas para os habitantes nem sempre benevolente, com o seu clima extremo e solo pobre. No passado,

a pastorícia e a agricultura forneciam uma existência modesta. A vida era permeada pelas crenças e rituais da religiosidade característica desta zona de Portugal. A riqueza de Videmonte não se expressava em termos materiais mas nos seus costumes e no seu tesouro de literatura oral.

Neste livro, João Luís Gil faz um registo minucioso dos aspectos etnográficos mais importantes da aldeia, focando nos jogos. Na abordagem que faz do seu objecto de estudo, nota-se o entusiasmo e a empatia – até amor – pela aldeia e os seus habitantes. No entanto, o autor sabe, nos momentos certos, manter a distância e fazer uma análise metódica e sistemática.

Embora não feche os olhos para os tempos modernos, o livro está principalmente virado para os costumes e heranças do passado. Vários dos jogos retratados estão em vias de extinção ou já não são praticados. Espera-se que estas descrições ajudem a ressuscitar o interesse por alguns jogos verdadeiramente atractivos. O certo é que com esta investigação feita e agora publicada estão salvos do esquecimento. Seria bom se a leitura motivasse outros a fazerem registos do mesmo género noutras localidades da formosa Serra da Estrela.

*Maria Johanna Schouten*

Professora Associada da Universidade da Beira Interior